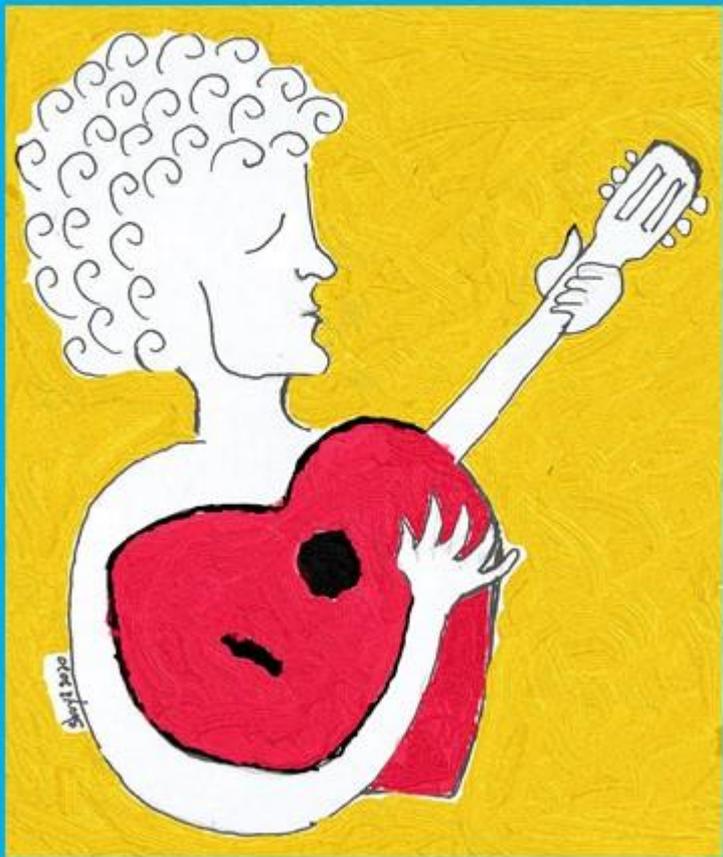


Sonetos e canções

Sandor Buys



Sonetos e canções

Sandor Buys



Rio das Ostras, 2020

Sandor Buys

Sonetos e canções

poemas

EDIÇÃO DO AUTOR

Rio das Ostras, RJ
2020

Todos os direitos reservados ao autor

Ilustrações, diagramação e capa:

SANDOR BUYS

B992s Buys, Sandor Christiano, 1970 -
Sonetos e canções (com uma carta
ao poeta Jorge Barbosa) / Sandor
Christiano Buys - Rio das Ostras,
RJ, Edição do autor, 2020. 65 p.

ISBN 978-65-00-01587-4

1. Poesia brasileira

I. Título II. Autor

CDD 869.91

ÍNDICE

Dedicatória, 6

Soneto canção, 7

Sem pedir licença, 9

Manhã de carnaval, 11

Atravessou o meu samba canção, 13

Tempo bom, 15

Assim como as canções, 19

Canção para a amiga de partida, 21

Soneto à mulher que não escrevia
meu nome, 23

Dançar com Teresa, 25

Ávida, 27

Aniversário de 43 anos , 29

Canção à flautista que toca ternura, 31

Soneto à menina tatuada que
vende doces, 33

Poeminha para a amiga triste, 35

Soneto à mulher que é como o
vento, 37

Meu travesseiro, 39

Soneto à amiga distante, 41

Valsa triste

Angélica, 45

O tombo, 47

Flora, 49

Naná, Nadu, Naduska, 51

Minha mãe, 53

Minha filha, 55

Saudade atlântica, 57

Carta ao poeta Jorge Barbosa, 61



Dedico este pequeno livro a Ertha Lúcia Buys (*in memoriam*) e a Flora Mário Buys.

SONETO CANÇÃO

cantar à vontade

So - - -

ne - tos e can - ções pa -

la - vra'e me - lo -

di - - - - - a

Rio de Janeiro, fevereiro de 2020

SEM PEDIR LICENÇA

(marcha rancho)

Sem pedir licença entrou no meu coração
O violão estendeu seu braço
Convidou-me a dançar em suas cordas sem
destino
E dançarino pela corda bamba
Fiz meu samba e nunca mais quis parar

Agora toda palavra é bonita
Tem rima, é motivo pra cantar
E faz da vida poesia
Mesmo a dor tem seu reverso
Quando é fonte comovida de um verso

Sem pedir licença entrou no meu coração
De braço dado ao violão, o verso, a lira e a
canção
Tal como um rancho em passeata
Tendo ao lado a serenata
Dando rosas às cabrochas ao luar

Agora chega palavra em cortejo
Trazendo o desejo de cantar
Do seu amor à melodia nasce a canção
De tanto amor, tantas canções
Invadindo sem licença os corações

MANHÃ DE CARNAVAL

Trono de louça, de restos, imunda,
de joelhos diante de ti, oro ao Pai,
enquanto, em golfadas, ora se esvai
de mim esse quimo que a tudo inunda.

Perdão, o carnaval me traz saudade,
e a vontade de sair por aí
a ver tanta coisa que não que vivi...
Perdão, pois já não sou de pouca idade

e teimo em, pela rua, achar poesia
e em toda gente buscar fantasia.
Perdão, meu pai, se não perco a esperança...

Só peço alegria, ora que ousadia,
e forças pra brincar por mais um dia!
Pai, deixa!... Deixa um pouco eu ser criança.

Rio de Janeiro, fevereiro de 2019
(a partir de um poema publicado na
revista Instante em 1999)

ATRAVESSOU O MEU
SAMBA CANÇÃO
(samba bossa nova)

Atravessou o meus samba canção
Com seu tom diferente
Desses que mudam o jeito da gente
Afinado ao coração

Mas tão depressa mudou seu compasso
Como posso acertar o meu passo
Mansa chega aos meus braços
E prontamente sai de manhã

Será uma nova bossa de samba?
Será o seu triste jeito de amar?
Já vejo lágrimas no chão
Claro que é outra ilusão

Mais uma vez parceiro da dor
Escrevo meu samba num guardanapo
Em tom de partida retorno da capo
Em compasso de espera de um novo amor

Ela é uma canção dissonante demais
Pra acompanhar no meu violão

TEMPO BOM

(marcha carnavalesca)

O carnaval chegou!
Quem dera a vida fosse
Sempre a vida que se quis

Mas se não foi, sei lá...
Pudera! Tem certos dias
Que se pode ser feliz

Se hoje é festa, eu vou
Brincar com a ilusão
Rodar na praça
Pelas ruas, no salão



É bom imaginar
Que amores vão brotar
Que o bloco passa
E nascem flores pelo chão

Então, depois
Da festa restará
As cinzas da ilusão
Canções para cantar

Por que da vida fica
O que se amou
O que nos fez sonhar
Sorrir, cantar, brincar

Olha só, espera
Vem no horizonte uma canção
É tempo bom

Quanta saudade foi
Já era o ingênuo sonho
Dos antigos carnavais

Se hoje é festa, eu vou
Dançar com a ilusão
Sorrir de graça
Ir pra lua num cordão

É bom imaginar
Que o tempo é um folião
E a fantasia mais bonita
É o carnaval!

Então, depois
Da festa restará
As cinzas da ilusão
Canções para cantar

Por que da vida fica
O que se amou
O que nos fez sonhar
Sorrir, cantar, brincar



Olha só, espera
Vem no horizonte uma canção
É tempo bom

Quanta saudade foi
Já era o ingênuo sonho
Dos antigos carnavais

Se hoje é festa, eu vou
Brincar com a ilusão
Rodar na praça
Pelas ruas, no salão

É bom imaginar
Que amores vão brotar
Que o bloco passa
E nascem flores pelo chão

ASSIM COMO AS CANÇÕES

(valsas)

Forjar de sangue o verso, de suor o som
Estar na criação de alma entregue
Em sentimento, etéreo
Ser a própria canção para então surgir em
sua voz
E me perder no ar

Mas antes te beijar a cada palavra proferida
Seja brisa ou tempestade em seus lábios
A cada instante mudo habitar seu coração

E me perpetuar no tempo de um olhar
Ser a melodia possuindo o seu corpo
A poesia no seu íntimo
Até morrer ao vento, enfim, a sina das
canções

Mas ser, quem sabe, o sopro de um
sentimento novo
E eu possa, assim como as canções
Mas no silêncio de um beijo
Tocar seu coração

CANÇÃO PARA A AMIGA DE PARTIDA

Para lembrar da menina que dança,
que brinca, que roda feito criança,
talvez compor, de um perdido sorriso,
uma valsa vadia assim de improviso.

Para te esquecer, mulher de desejos
tantos, que não poupa afagos e beijos,
talvez, outra vez aos prantos, fazer
no canto de um bar um samba qualquer.



E seu corpo pequeno, um cavaquinho...
E seu riso sereno, que trago comigo...
Quem sabe, compor um antigo chorinho?

Mas, não sei por que, só pude compor,
pra você guardar deste distante amigo,
estes versos de uma canção de amor.

Rio de Janeiro, 2011/2019

SONETO À MULHER QUE NÃO ESCREVIA MEU NOME

Em chamas, beijou-me os lábios; as brasas,
Porém, não ataram meu nome a seu peito.
Animou-me velhos sonhos com asas,
E, enfim, não teceu meu nome em seu leito.

Nem na areia de uma praia meu nome
Esboçou. Águas a levar em espumas
E pranto as marcas que o tempo consome.
O sonho perdido em meio a brumas.

Um simples papel meu nome não viu
Daquele punho, que, lasso e febril,
Vedou-me a veia que vertia paixão.

Seu nome deixou? Não lembro, perdão...
Tirou-me os óculos, pálida e gentil,
Despenteou-me os cabelos e partiu.

Rio de Janeiro, fevereiro de 2019

DANÇAR COM TERESA

Pousar na minha a sua mão,
como o barco que se encontra com o cais,
e sair a pisar nas notas musicais,
que, esquecidas, se espalham no chão.

Queria, então, que a vida não fosse mais
do que aquele eterno salão,
onde a cada passo uma nova ilusão
de amor nasce como um sonho de paz,



e ser leve e ligeiro como o ar,
pois já não há corpo, só movimento:
em rodado, duas rajadas de vento.

Que a beleza de toda a natureza
não é maior do que a beleza de estar
e brincar... e rodar... e dançar com Teresa.

Rio de Janeiro, 24 de dezembro de 2019

ÁVIDA

Su'avidez
De fera grave...
De pluma, ave,
Suave tez...

O amor, a chave,
Sem mais talvez.
Pensou, já fez,
Sem mais entraves.



Fera feliz,
Veio de partida.
Já foi... e diz:

– Ávida vida
Que sempre quis!
A vida... a vida...

Rio de Janeiro, 4 de julho de 2019

ANIVERSÁRIO DE 43 ANOS

“Vá embora e leve seu vinho”, ela diz.
Eu, que chegara com o vinho na mão
direita e na outra, exposto, o coração,
pus no bolso a mão esquerda, constrangido.

“Meu corpo é seu presente”, prometeu.
E deu seu corpo, que lindo presente.
Mas, de seu corpo, a alma estava ausente,
e eu, ainda carente de gozo e carinho,

ouvi: “Agora vá e leve seu vinho”.

A noite de Copacabana nunca foi tão fria,
nem uma garrafa tão pesada.

Na calçada, ouço apenas meus passos,
feito um relógio quando marca a hora,
e o mar batendo e repetindo: “Vá embora...”

Rio de Janeiro, 28 de dezembro de 2019

CANÇÃO À FLAUTISTA QUE TOCA TERNURA

Brejeiro, Carinhoso,
Assim mesmo, Vou vivendo...
E quando Ternura...
Sua flauta me fez chorar de ternura.

Recordando os velhos tempos,
Amor e medo, Saudade...
E quando Ternura...
Sonhei dos beijos seus a terna ventura.

Mas não, era só ilusão,
Que os sonhos vêm e vão...
Mas não, era só ilusão
De amor, quanta candura...

Flauta, violão e cavaquinho,
Silencioso, Magoado...
E quando Ternura...
Perguntei-me se acabou a eterna procura.

Choro negro, Vibrações,
Fala baixinho, Lamentos...
E quando Ternura...
Imaginei do seu amor a linda loucura.

Mas não, era só ilusão,
Que os sonhos vêm e vão...
Mas não, era só ilusão
De amor, quanta candura...

Quanta ternura...

SONETO À MENINA TATUADA
QUE VENDE DOCES

Quem é ela que de repente... quem é ela?...
Que, sem saber que me vem fácil a fantasia
E que em tudo busco a beleza e a poesia,
Me faz querer seu beijo de maçã e canela.

Não bastasse saber dos temperos a alquimia
E dominar o ofício dos doces e dos sabores,
Ainda guarda no colo um caminho de flores
E no olhar o mistério, o sonho, a melancolia.

Some-te daqui, que não agüento mais amores!
Mas o coração me trai: – linda, linda, linda...
– Quem é você, será que te encontro ainda?

À noite, em sonho, percorri o caminho de flores
E amanheci sorrindo. Nos olhos, os olhos dela
E nos lábios um gosto de maçã e canela.

POEMINHA PARA A AMIGA TRISTE

A parte que dói do seu coração
Deve ser vazio de paixão perdida
Ou saudade da pessoa querida,
Que é um bicho que rói e provoca aflição.

Mas não tire fora a parte doída,
Que mesmo sendo grande seu coração,
Faz falta se lhe arranque qualquer grão.
Cortar coração nunca é boa medida.

Confesso também uma dor no peito,
Mas basta um riso seu pra dar um jeito,
Que você é linda, é doce, é uma flor...

Se seu coração quer agora estar sozinho,
Permita-me ao menos dar-lhe um carinho
Nestes versos meus tão cheios de amor.

Rio de Janeiro, 4 de maio de 2015

SONETO À MULHER QUE É COMO O VENTO

Foi pouco, apenas uma semente
De poesia, de encantamento, pouco...
Coisa que se esvai em qualquer choro rouco,
Qualquer roda de samba ou chope urgente...

Mas espere, homem, não seja louco!
Foi um sonho de amor tão de repente,
Faça versos, uma canção, invente!
Não trate a vida com ouvido mouco.

Se ela se foi, breve e pura como o vento,
Sem cor, sem rastro, sem fantasia,
Seja o sonho – o ar que nos dá o alento –,

Seja a brisa leve e busque-a sem lamentos,
Seja o amor, seja a própria fantasia!
E faça brotar em tudo sua poesia.

Rio de Janeiro, 6 de maio de 2015

MEU TRAVESSEIRO

Nem grande e gordo, nem mesmo plumoso,
Nem com babados, trançados e arestas...
Nada disto importa em minhas sestas,
Que não é o luxo que nos dá o repouso.

Deixe-me o velho travesseiro, ora esta!
Mesmo em trapos ele me traz o gozo
Do sono, e é tão suave, é tão bondoso
Na ternura de sua paina modesta.



Porém, aos braços, é preciso a amada,
Seja no amor da noite desvairada,
Seja no doce instante do descanso,

Sempre! Senão só resta o abraço manso
No velho travesseiro, então tristonho,
E o desejo que venha a amada em sonho.

Rio de Janeiro, setembro de 2015

SONETO À AMIGA DISTANTE

Embora se foi, afora pelo mundo,
Parou no Pará, parou em Paris.
Bem foi por aí, pra onde aponta o nariz.
Embora se foi, pareceu um segundo...

Quem do chão busca as estrelas sutis
Talvez seja também um gira-mundo,
Mesmo estando só em um bar vagabundo,
Sonhando qualquer coisa distante e feliz

Não sei... sei que ando ao longe, o olhar ausente...
Na terra da saudade, da esperança,
Caminhando leve e longinquamente...

Vem de lá esta brisa que faz viver
As brasas que guardo de sua lembrança.
Eu neguei o tempo... e não quis te esquecer.

VALSA TRISTE

(valsas)

O amor é o infinito mistério
Que nos torna eternos reféns
Da incessante procura de alguém
Que nos foge das mãos

Não, não terei os seus beijos
Não, não verei seu sorriso
Não saberei seus desejos
Não, quando a noite se cala

Não, sempre o mesmo amargo e duro
Não, nem que aos céus eu grite e peça...

Então, sairei no silêncio
Em vão, buscarei o seu nome
São tantas lutas perdidas
Tão doces, sentidas

Não, sempre o mesmo eterno e escuro
Não, um amor que morre
E, enfim, não passou de ilusão

ANGÉLICA

Seu olhar, então, era um mar esmeralda,
onde sigo num barco, solitário
e sem temor, rumo a um destino vário.
Ventos de aventura as velas desfraldam.

Que mar sereno, por vezes bravio,
que mar sem fim tenho que enfrentar
para alcançar seu coração e amar...
De repente, há apenas a voz mais linda



– seu canto de sereia que me inebria –
e seus olhos são olhos de mulher.
Corro a forjar meu barco, só e sem temor,

de papel, tinta e palavras de amor,
com ternura, poesia e bem-querer,
para levar estes versos a você.

Rio de Janeiro, 16 de novembro de 2019

O TOMBO

No chão. Meus óculos, onde estão?
Um homem reto, agora, curvo, sujo.
Um homem certo, ou talvez não... cujo
único problema foi o tropeço...

ou talvez não... E agora, pelo avesso...
Por que tanto riem, qual a graça?
Lembrei daquela criança caída na praça:
queria ser herói, fez troça pra mãe, caiu.



Um me pisa de propósito... logo quem...
Outros bebem cerveja, não me esperam.
Tudo bem... Afinal, tudo se perdoa.

Do chão, até que enxergo bem as pessoas...
de outro ângulo, cada um quem é.
Riam, bebam, pisem... Em breve estarei de pé.

FLORA

(valsas)

Chegou como uma flor
Desabrochando toda em amor
Nasceu, floriu
Bem-vinda à vida, ó Flora

Seja feliz, meu amor
Livre, audaz
Corra pro mundo
Coragem e paz!

Quando você for chorar
– A vida é assim... –
Numa canção, vá
E lembre de mim



Chegou como uma flor
Desabrochando toda em amor
Nasceu, floriu
Bem-vinda à vida, ó Flora

Nunca se esqueça dos sonhos
Tenha luz, muita sorte
E não desista jamais
É preciso ser forte

E mesmo se longe eu estiver
– A vida é assim... –
Encantado, estarei ao seu lado
O amor não tem fim

NANÁ, NADU, NADUSKA

Nas noites eternas, na eterna busca
Do amor eterno, o encontro fraterno.
Um abraço, um passo, um laço, um beijo
[terno...

E vem a vida abrupta e irrompe brusca.

A cena antiga: carinho materno,
A madona esculpida em arte etrusca.
E é tanta lágrima que, o olhar, me ofusca,
Em teu colo, enfim, nosso amor eterno.

Com graça, és Nadu; Naná, com ternura.
Mas teu nome de herança, em boa leitura,
É o que trago de ti: fio de esperança.

Que minha bandeira de amor e paz
De vencer toda dor seja capaz.
E que seja feliz nossa criança.

MINHA MÃE

Enfim, não crescerá mais,
Não lançará seus tentáculos.
Basta de lutas, de oráculos.
Agora, o silêncio e a paz.

Acabou-se o espetáculo:
Oração, dor, rituais
E a química ineficaz,
Reunidas no cenáculo.



Acabou-se toda a guerra.
Repouse seu corpo à terra,
Sua alma, que suba ao céu.

Morreu o câncer cruel.
A vida é assim, vencemos...
Sim, ô minha mãe, vencemos...

Rio das Ostras, 2 de julho de 2019

MINHA FILHA

Parte de mim arrancada
À força, a fórceps, a medo.
Meu sangue, minha morada...
Magia, carne, segredo.

Parte de mim desatada,
Pulsando, a tudo morder.
Desvairada, coisa amada,
A que mais me dói perder.



Parte que não é só minha,
Que come, dorme, caminha.
Parte partindo de mim.

Uma nova vida enfim,
Num mar onde somos ilhas.
Parte de mim, minha filha.

Juiz de Fora, 27 de junho de 2019

SAUDADE ATLÂNTICA

Minha mãe distante no azul do céu,
No céu seu rosto envolto por um véu.
Minha filha distante no azul do mar,
O Mar Atlântico a nos separar.

Minha mãe que partiu sem ver a neta
E só restou a seu filho ser poeta.
Minha filha nasceu sem ver a avó
E ensinou a seu pai o que é ter dó.



Surpreso, agora vejo ali defronte,
Enfim juntas na linha do horizonte,
As duas: minha filha e minha mãe.

É o mar e o céu me dizendo que não
Há distância ou tempo ou dor maior
Que a imensidão infinita do amor.



Rio das Ostras, outubro de 2019

Fim

Em anexo, uma carta ao
poeta cabo-verdiano Jorge
Barbosa

CARTA AO POETA JORGE BARBOSA

Meu caro Jorge Barbosa,
Que prazer te conhecer nesta viagem.
E que surpresa te saber solicito a atender às
buscas do Bandeira.
Eu, que também ando a procura
de um sonho,
Me deleito e me guio em seus versos.
Eles muito me deram, muito
me aproximaram
De minha pequenina estrela do Atlântico.
Esta que busco agora, ao contrário
da de Bandeira, é a mais pura das estrelas,
Uma flor ainda em botão, que nasceu
parte de mim.

Meu caro Barbosa, meu irmão oceânico,
Por favor, me permita te chamar assim,
Somos todos ilhéus solitários em busca de um
horizonte fugidio.

Como descobri próxima a sua terra.
Me perdoe se me espelho em suas palavras,
Mas bem poderia dizer: eu gosto de você,
Cabo Verde,
Por que você é parecido com minha terra.
Vejo o rosto do meu povo em suas ruas,
A linda fala dos meus pretos velhos na voz de
sua gente.
A melancolia que a morna entorna é a mesma
melancolia que o meu canto encanta.
Compreendo agora que somos irmãos.

Obrigado por tanto fazer por mim.
Você nem imagina, meu velho amigo,
Como são generosos seus versos,
O quanto você me aproximou
de minha pequenina estrela do Atlântico.
Tantas buscas, tantos poemas, tantos
sonhos...
São tudo amores.

Meus planos de viagem também são sonhos
E você muito me ajuda a realizá-los,
Me ajuda a fazer algo tão impossível
Como cruzar o oceano em poemas.

Escrevendo pra você,
Bem me vejo nas ruas da Praia,
Com minha pequenina nos braços,
passeando...

Ou numa mesa a beber um grogue com você
E a falar da imensidão dos grãos de areia ou
da pequenez do Brasil.
De qualquer forma, ao olhar pro mar,
Buscaria uma praia carioca e falaria de uma
saúde.

Meu eterno poeta,
Estando agora em sua terra e mirando o mar,
Me vem o medo de acordar...
Este desespero de querer ficar
E ter que partir.



Esta edição digital foi elaborada artesanalmente pelo autor e lançada em abril de 2020, durante a quarentena mundial, para ser distribuída gratuitamente.

Uma edição impressa, revisada e ampliada, deve ser lançada posteriormente.